

# ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA ARQUIVOLOGIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO ÂMBITO DO TRATAMENTO INFORMACIONAL

**Ismaelly Batista dos Santos Silva**

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia, Mestra em Ciência da Informação e Bacharela em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [ismaellybatista@gmail.com](mailto:ismaellybatista@gmail.com)

**Resumo:** Aborda metodologias e cenários da pesquisa na Arquivologia brasileira e sua relação com a Organização do Conhecimento. Consiste em um artigo de revisão sob a lógica indutiva, com abordagem qualitativa e estratégia de análise de conteúdo. Entende-se que no universo da transformação digital, a dialogicidade entre Organização do Conhecimento e a Engenharia do Conhecimento oportuniza a investigação em Arquivologia e sua capilaridade no mercado informacional por meio dos Sistemas de Informação Digital.

**Palavras-chave:** Organização do Conhecimento. Arquivologia. Mercado Informacional. Tecnologia da Informação e Comunicação.



## 1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS AOS DESAFIOS NO CAMPO ARQUIVÍSTICO

A perspectiva de modificação nas circunstâncias de pesquisa e campo de atuação para a Arquivologia tem se apresentado periódica desde os primeiros manuais que iniciaram os padrões de tratamento em acervos de caráter arquivístico. Isso pode ser associado às tendências na investigação, as quais reverberam no alavancar de práticas contemporâneas, mas que sempre estiveram orientadas ao fazer mediante a concepção tecnológica possível nos cenários técnico, político e social vigentes em cada época.

Com a possibilidade da denominada “transformação digital” no campo arquivístico como uma base de reformulação do fazer profissional pautado nas demandas tecnológicas presentes no mercado de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), passa-se a atender necessariamente aos padrões de Engenharia do Conhecimento (EC) e Inteligência Artificial (IA) no contexto social de Era da Informação.

Neste ínterim, refletimos acerca dos múltiplos cenários possíveis diante do mercado informacional e do cotidiano na sociedade que parecem distantes na incorporação em larga escala de conceitos e tecnologias correlacionados aos sistemas de informação, unidades de informação e grandes concessionárias de *streaming* em nível global assim como nas práticas efetivas do fazer profissional da área de Arquivologia e, quiçá, da esfera de ensino e pesquisa.

Para o contexto científico na Arquivologia, assim como ocorre na ciência em geral, o rigor metodológico e o cumprimento das etapas de articulação entre objeto e contexto se lançam como um desafio neste momento de “transformação digital”. Pois se acredita na existência de um hiato entre as bases constituintes da ciência arquivística, ou seja, o que tem sido pesquisado em detrimento do que está posto como nova conjuntura informacional. Pensar isso se justifica pelo

aparente descompasso entre o avanço no mercado informacional e possibilidades tecnológicas versus a capacidade técnica profissional e uma construção empírica para contextualização teórica e proposituras no campo de inovação.

Ante o cenário apresentado, e apesar das inúmeras possibilidades de articulação, algumas seriam intangíveis de serem apresentadas aqui. No presente artigo, iremos abordar metodologias e cenários da pesquisa na Arquivologia brasileira e sua relação com a Organização do Conhecimento (OC), tendo como recorte os desafios e perspectivas no cerne do tratamento informacional.

O seguinte recorte e a escolha da temática encontram-se implicados em uma das lacunas que afeta não apenas a Arquivologia, por exemplo, a que transita em áreas afins como na Ciência da Informação (CI). Em suma, conforme abordaremos ao longo das próximas sessões, o caminho para transformação digital requer domínio de tecnologias como a web 2.0 e a web 4.0, ou seja, perspectivas de web semântica e internet das coisas pautadas na EC que, mediante os aspectos de competência dos profissionais da informação<sup>1</sup> que almejam o Tratamento e Organização da Informação (OTI), são necessárias para ampliar não apenas a noção de documento e informação, mas a concepção de conhecimento na perspectiva gerencial.

## **2 TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS E O PENSAMENTO ARQUIVÍSTICO NO TRATAMENTO INFORMACIONAL**

O fenômeno científico no campo da Arquivologia pode ser configurado como um aporte de práticas que se convertem em procedimentos experimentais e, logo, postos em modelo de prova que se alinham com o mercado informacional, o qual possui íntima relação com o contexto social. Isso posto, como área do conhecimento humano, a Arquivologia enquadra-se nas humanidades e respectivamente na categoria de Ciências Sociais e Aplicadas (JARDIM, 2016).

A pesquisa em Arquivologia se revela como um cenário emergente do ponto de vista epistemológico e dos produtos que efetivamente compõem o corpus teórico da área. Porém, talvez aí resida uma incoerência, uma vez que jamais se pesquisou tanto em Arquivologia ao passo que sabemos que as disciplinas científicas não desenvolvem percursos lineares e são constituídas por dinâmicas históricas e sociais próprias, ou seja, a pesquisa na área é historicamente recente (JADIM, 2012). Ademais uma das primeiras ações de busca pela cientificidade foi articular registros documentais como artefato de análise e grau de prova e material para posterior construção de narrativas científicas e sociais (BURKE, 2012).

Neste contexto emergente e não linear da pesquisa em Arquivologia, enxergamos fatores que

---

<sup>1</sup> Cabe frisar que apesar de todo profissional lidar com a informação, o termo profissional da informação aqui se refere a arquivistas, bibliotecários, documentalistas e museólogos em virtude de sua atuação no tratamento, organização e mediação da informação alinhada à formação acadêmica correspondente.

corroboram a sua expansão e fortalecimento de modo concomitante, pois no Brasil não há legislação que regulamente a profissão de pesquisador bem como a pesquisa de “ponta”, se assim possamos chamar, são atreladas a pesquisadores seniores. No cenário arquivístico, isso ainda representa um quantitativo limitado, pois o número é expressivamente baixo se admitirmos como parâmetro egressos dos cursos de graduação em décadas, o que se soma a outros fatores como a realidade institucionalizada no Brasil que conta com apenas um curso de mestrado em Arquivologia em detrimento de dezesseis cursos presenciais de bacharelado listados pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ, 2019). Aqui incluímos o único curso na modalidade de Educação a Distância (EAD) ligado à iniciativa privada, totalizando dezessete cursos de Bacharelado em Arquivologia operando no país no ano de 2020.

Outrossim, permanece a desvalia de que nenhuma tese ou dissertação apresentada em áreas afins, por exemplo, na Ciência da Informação, Administração, História ou Engenharia de Produção, jamais será uma tese ou dissertação em Arquivologia (JARDIM, 2016).

Ante o cenário descrito, cabe salientar que a produção científica na área é massivamente realizada no seio institucional nas Universidades públicas através da pesquisa de docentes ou profissionais que, em um processo de práxis nos órgãos e entidades nas quais trabalham, articulam a busca do aprimoramento de suas técnicas de tratamento documental ao se debruçarem nas tecnologias ofertadas pelo mercado informacional e passam a constituir como produto relatos de experiência com padrões acadêmicos e certo grau de cientificidade. Ou seja, contribuições feitas de forma “relevante” têm sido estabelecidas pelo corpo profissional e docentes da área, o que de determinada maneira pode ser atribuído à escassez de pós-graduação no campo (MARIZ; JARDIM, 2012).

Outra nuance revelada está relacionada aos métodos de pesquisa que, em suma, se traduzem em abordagens qualitativa, quantitativa e métrica/bibliográfica, com base em técnicas como as de estudo de caso, levantamentos, estudos comparados (mais recentes na área), descritivos e/ou exploratórios, em que a perspectiva de ciência básica deixa lacunas. Cenário esse passível de ser comprovado por meio das publicações analisadas do Congresso Nacional de Arquivologia e da Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa também na área. De forma semelhante, em casos suplementares, obtemos a contribuição de sujeitos que atuam de modo independente nessa construção da ciência, uma vez que a pesquisa é institucionalizada e mesmo o reconhecimento da produção desses pode ser de algum modo frustrado pelos pares. De certa maneira, isso não causa estranhamentos, posto que compõe o fazer científico de qualquer área, ou seja, o exercício do poder (SANTOS, 2002).

Admitindo a visão aliada ao pensamento de Hessen (1999), a partir de John Locke, na

Arquivologia emerge a predominância do modelo teórico e empírico que perpassa os fazeres científicos naturalizados nas Ciências Sociais Aplicadas conforme exposto, visto que as práticas empíricas se revelam em virtude do próprio campo arquivístico não reconhecer em anos essa dimensão – a da pesquisa - até recentemente (JARDIM, 2016). Nesse sentido, a noção de pesquisa em Arquivologia era associada à ideia de investigação em fontes arquivísticas para a produção de conhecimento em outras disciplinas, o que durante décadas foi realizado por profissionais sem formação na área, inclusive, o que incluía proceder ao tratamento documental (SCHELLENBERG, 2006).

Circunstâncias essas, grosso modo, superadas por pesquisadores da Arquivologia, mas, por influência ideológica, permanecem como a teoria do “guarda-chuva” ou das “três Marias” adotadas para justificar a incorporação e permanência da Arquivologia sob o tripé idealizado na CI (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia). De fato, tende a reverberar no pensamento condicionado presente em parte da literatura e justificado de forma a “ilustrar” a “interdisciplinaridade” no campo.

Porém, é uma perspectiva que tem gerado novos diálogos epistêmicos, inclusive, dentro da própria CI por correntes de pensamento que visam à efetividade no alargamento dessas fronteiras científicas. É um movimento recente que já reconhece na cultura da hiperespecialização da ciência uma forma de controle prejudicial (JAPIASSU, 1981), pois a busca do estado complexo, refletido no avanço da ciência, representa interconexões e não subordinação. Dando prosseguimento, complexo ou complexos “significa, originariamente, aquilo que é tecido junto. O pensamento complexo é um pensamento que busca distinguir (mas não separar), ao mesmo tempo que busca reunir” (MORIN, 2003, p. 71). Ainda sob a ótica de Morin, temos que:

A inteligência parcelada, compartimentalizada, mecanicista, disjuntiva, reducionista, destrói a complexidade do mundo em fragmentos distintos, fraciona os problemas, separa o que está unido, unidimensionais o multidimensional. Trata-se de uma inteligência ao mesmo tempo míope, hipermetrope, daltônica, caolha; ela muito frequentemente acaba ficando cega. Ela aborta todas as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando, também, todas as possibilidades de um juízo corretivo ou de uma visão a longo prazo. (MORIN, 2003, p. 71)

Em suma, a investigação em Arquivologia se apresenta comprometida, não pela ausência de pessoas envolvidas no processo (talvez seu estímulo) ou mesmo pelos esforços na construção de um pensamento metódico em busca de cientificidade para processos concretos. Provavelmente este comprometimento da área orbite na configuração do pensamento implantado nos discursos de outras ciências, seletivo, segregado e juiz ao que pertence a um campo ou outro. Afinal, a ciência é uma construção constante de conhecimento, sendo ela ao mesmo tempo pessoas (estudantes, profissionais e professores/pesquisadores), mas também o produto dialógico desses indivíduos,

através de eventos, artefatos científicos materializados ou que pairam como conhecimento latente próspero de ser compartilhado e a influência na sociedade (JAPIASSU, 1981; JARDIM, 2012). Logo, podemos nos questionar em meio ao jogo de poder pelo conhecimento: estaria a Arquivologia a orquestrar sua cientificidade de maneira autônoma?

Podemos iniciar refletindo sobre como é construída a área a partir de um distanciamento epistemológico. Tomamos, pois, como marco, o engajamento crescente na pesquisa que se dá, de forma mais evidente, após os anos de 1990 do século passado, representada por uma transformação que ocorre nesse período e em função dos novos modos de produção, uso e conservação dos documentos em meio a um cenário influenciado pela Tecnologia da Informação (TI), além do avanço das narrativas em Arquivologia no país.

Outrossim, cabe a caracterização de que “nós não fazemos pesquisas em Arquivologia quando criamos instrumentos de pesquisa para investigadores ou quando se efetua pesquisa em arquivos...” (BARBARA; BURGY, 1988-1989, p. 6, tradução nossa). Pois, esta é uma noção de instrumentalizar a ciência, quando, pelo contrário, fazer ciência requer um olhar apurado e alinhamento aos elementos que a reafirmam como conhecimento, ou seja, seu objeto, paradigmas, fenômenos, processos, sistematização de ideias e a capacidade de admitir possibilidades. Talvez, não como forma de impor o conhecimento, mas como meio de somar de modo multidimensional as experiências ora em plano socialmente aplicado ora essencialmente da razão humana, e, por vezes, até mesmo no sentido de retórica. Dessa forma, assim segue o conhecimento científico, mutável, complexo e plural, ambiente em que a lógica se encontra entre a partida e não necessariamente a chegada, mas no movimento de abandonar padrões antigos para se construir o novo (PRIGOGINE, 2003).

Ao que se pode admitir como possível, provavelmente estamos diante de mais uma transformação nos contextos de pesquisa em Arquivologia. Provavelmente buscando novas metodologias para proceder ao ofício de modo relevante sob o patamar tecnológico e social. O que segue, independentemente disso, é o fato de que cabe pensar a Arquivologia cientificamente e com dimensão crítica, o que, a este ponto, suscita de modo emergencial um viés hermenêutico no campo para construção de um pensamento científico autônomo.

### **3 CENÁRIOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO ÂMBITO DO TRATAMENTO INFORMACIONAL NA ARQUIVOLOGIA**

Como campo do saber que perpassa o tratamento documental, a Arquivologia tem situado o documento institucional e seu teor informativo como objetos de estudo, em que princípios (proveniência, organicidade, unicidade, indivisibilidade, cumulatividade e ordem original) e

funções (produção, avaliação, classificação, descrição, preservação, arquivamento, difusão) amplamente reconhecidos no ofício profissional passam a subsidiar o aporte teórico/empírico (ROUSSEAU; COUTURE, 1991). Fato este que vem sendo rediscutido por autores que produzem literatura para a área e preconizam o refrescamento teórico com base na perspectiva de remodelagem impulsionada pelos contextos de transformação digital nos mecanismos de geração, mediação e preservação da informação (SANTOS; INNARELLI; SOUSA, 2008).

Sob um tripé que envolve o corpus técnico, político e epistemológico (possível), a pesquisa em Arquivologia e, naturalmente, os perfis no âmbito profissional têm se modificado ao longo das últimas décadas, impulsionados pela elaboração de manuais que representam a base técnica do tratamento documental de arquivos e o viés histórico ligado à memória, paulatinamente incorporando novas prerrogativas como um caráter orientado a ações administrativas, por exemplo, com a adesão a elementos de gestão que se ampliam e passam a abarcar um forte posicionamento tecnológico que se estabelece até o contexto contemporâneo para OTI.

Fato igualmente importante é o entrelaçamento de estudos ligados à Ciência da Informação que gera uma proximidade resultante da predominância dos programas de pós-graduação como oportunidade para educação continuada e formação/qualificação de docentes para proceder à formação de outros profissionais de mesma ordem e desenvolver pesquisas correlacionais. Por conseguinte, isso proporcionou um cenário de quantitativo maior de arquivistas com titulação de mestre e doutor se comparado a décadas recentes (FONSECA; JARDIM, 1999; ARAÚJO, 2011; MARIZ; JARDIM, 2012).

Retomando o contexto temático de maior expressão no campo arquivístico que versa sobre a perspectiva da OTI, é possível listar o conteúdo para fins de contextualização, em dada ordem de evolução não universal, mas que esbarra de forma geral na perspectiva lógica de avanço dos temas de estudo, uma vez que é complexo determinar a periodicidade exata de início para cada tema que efetivamente ganha notoriedade emergente. Tomando por base os estudos observados no Congresso Nacional de Arquivologia (CNA) e na Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ) no Brasil, é possível destacar também (como um fenômeno ou tendência), que as temáticas de pesquisa podem ser retomadas a partir de avanços tecnológicos, sociais ou políticos, o que reafirma a não linearidade da ciência (JARDIM, 2016). Entretanto, dada a escalada de possibilidades e amplitude nas abordagens e pesquisas, pouco se percebe este movimento cíclico de retomada de temas de maneira expressiva provavelmente pela jovialidade da pesquisa em Arquivologia no Brasil.

O tema de preservação tende a permanecer vigente ante as pautas discutidas, o que atribuímos à potencialidade de interlocução científica presente nos documentos e ao posicionamento do

arquivista como gestor em séculos no âmbito da curadoria de artefatos que implicam a constituição da sociedade, ciência e tecnologia (BURKE, 2012). Todavia, desvinculamos esta ideia da narrativa do arquivista como guardião da memória ou da informação. Outrossim, listamos a seguir as temáticas de pesquisa com maior evidência no Brasil distribuídas em períodos de décadas, em que:

Anteriormente à década de 1990, ocorre o período custodial de referência ao aporte de investigações em Arquivologia, principalmente no Brasil. Temos como temas centrais o desenvolvimento de manuais de tratamento de acervos de arquivo e a bibliografia internacional dedicada a discussões de aspectos de técnicas de conservação dos documentos, uso da diplomática e da paleografia com a proximidade de historiadores e bibliotecários na abordagem histórica.

No período que compreende a década de 1990 até seu fim, faz-se presente o reposicionamento na área, ligeiramente impulsionado pela incorporação de padrões estabelecidos na fase anterior e a aproximação do contexto administrativo por influência do modelo management, ciclo vital dos documentos, paradigma da modernidade e evidência da gestão documental como foco, em que a organização de documentos passa a pontuar funções arquivísticas como a avaliação e classificação nos acervos institucionais.

Entre os anos 2000 e 2010, contamos com a expansão de cursos superiores e a aproximação à Ciência da Informação com a perspectiva de pós-graduação. A linha histórica ganha perspectiva de memória e alavanca o protagonismo dos acervos pessoais nas investigações. A reflexão sobre o objeto de estudo segue sendo evidenciada conjuntamente à linha de organização de documentos que torna a descrição e a classificação funções preconizadas no tratamento, visando à elaboração de instrumentos de pesquisa que começam a ser subsidiados por normas internacionais e nacionais. Os temas seguem alinhados ao posicionamento internacional do corrente management em OTI.

Com o avanço das investigações entre 2010 e 2019, é comum observar a movimentação de pesquisadores da Arquivologia com habilitação em CI enfatizando o diálogo entre as áreas, em que a informação de caráter arquivístico ganha foco, também, no viés pós-custodial e político com a elaboração de leis que visam ao acesso à informação e influenciam o cenário empírico. Nesta perspectiva, emerge a função arquivística de difusão dos acervos e em pauta também as políticas de informação visando à preservação dos acervos com caráter social. Os cenários de sistemas de informação se estabelecem e geram diálogos com o foco em documentos eletrônicos e, não muito posteriormente, nos documentos digitais que emanam as necessidades de preservação nesses contextos. Contudo, eles suscitam um resgate de temas como diplomática, a qual passa ao contexto contemporâneo e ganha cunho arquivístico ante o tratamento da informação nos cenários digitais que tendem a perdurar principalmente pela influência internacional recorrente advinda da América do Norte e Europa. O tema de estudos de usuários parece finalmente ganhar notoriedade no campo.

Essa trajetória de abordagens temáticas nos revela, dentre outras coisas, um condicionamento da área ao documento e à informação neste suporte seja ele físico, eletrônico ou digital. Por sua vez, isso torna mister a reflexão do papel da OC ou mesmo a gestão do conhecimento que ainda se apresenta incipiente nas abordagens investigativas, o que se aproxima de perspectivas emergentes, mas que já ocorrem, por exemplo, em CI (SANTOS; INNARELLI; SOUSA; 2008). Ou seja, dá a entender uma relação de interdependência da Arquivologia que fica a reboque de outras áreas do conhecimento para promover proposituras epistêmicas, o que pode não ser necessariamente suficiente para acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico, e, como campo empírico, reportar ou não suas práticas de maneira hábil de forma a reverberar no cenário social podem representar a obsolescência da área.

Este movimento pode ser justificado pelo fato de que muitos que auxiliaram em pesquisas na graduação tendem a se afastar da pesquisa em Arquivologia e retomar as contribuições para a área após uma pós-graduação que geralmente ocorre em CI, isto é, são dois anos para o mestrado ou mais quatro anos para doutorado, uma vez que os temas e produção preconizados são em CI. Ou seja, aos que buscam se inserir na ciência cabe-lhes pensar contextualmente dentro do próprio campo do saber e pouco espaço há para dialogar fora dessa esfera (JAPIASSU, 1981) e, provavelmente, residam nessas medidas de fixar temas e estabelecer uma agenda de interesses à coerção sobre o conhecimento produzido como hierarquia e controle na geração de domínios do conhecimento (HESSEN, 1999).

A este ponto, temos o hiato na literatura advinda desses potenciais pesquisadores em Arquivologia, mas que não representa o todo. Afinal, você já se perguntou por que a Arquivologia é carente de estudos de usuários? Ou mesmo, por que a abordagem de OTI tende a priori, de maneira recorrente, ser relacionada a práticas de descrição e classificação fundamentalmente? Provavelmente porque as pessoas envolvidas no desenvolvimento da área preconizaram determinados temas tanto para investigação como para capacitação profissional (ARAÚJO, 2011). Como esses temas acabam reverberando na formação orientada aos aspectos relacionados às temáticas mais emergentes, é de se perceber que a OC possui relação com pesquisas sobre a história do livro e da escrita tomando por pressuposto os meios de comunicação de ideias como componente representativo ao modo de pensar do usuário e impacta na produção do conhecimento e sua respectiva organização (PINHO, 2009). Nessa linha de raciocínio, isso significa elementos pouco explorados no portfólio temático de pesquisas no campo arquivístico: usuário e conhecimento.

Os quadros de formação de profissionais no ensino superior no Brasil, por sua vez, durante décadas, foram compostos por poucos arquivistas de formação, em que em sua maioria atuaram

historiadores, mas predominantemente bibliotecários que exerceram papel na elaboração dos currículos e agendas de pesquisas para área. Eles acreditaram estar alinhados às necessidades de conhecimento para o tratamento documental dos documentos de arquivos; em suma, mestres e poucos doutores na área de CI (FONSECA; JARDIM, 1999).

Esse fato chama a atenção, mas é justificado pelo contexto da época, a elaboração ou predileção por uma abordagem menos conceitual e mais prática para as bases curriculares de Arquivologia e orientadas por forte influência da vertente arquivística francesa (ARAÚJO, 2011). Por outro lado, as disciplinas biblioteconômicas bebiam em fontes filosóficas para o tratamento documental, admitindo o fator de transferência e elaboração de esquemas de organização instrumentais, mas com a possibilidade de um contexto sistemático que articula a construção do conhecimento e sua análise para proceder ao tratamento documental robusto que prevê a compreensão lógica da informação e a busca por relações de contexto na própria linguagem (BURKE, 2012).

Em contrapartida, em virtude da investigação científica e aparato social, as relações disciplinares da Arquivologia têm se pluralizado (ARAÚJO, 2011). Contemporaneamente, a aproximação que antes era feita com a administração (documento valor de prova), ganha foco no campo do direito civil através da documentoscopia que se alia à diplomática moderna dando fôlego às pesquisas assim como o viés tecnológico que preconiza o estreitamento de laços disciplinares com as ciências da computação na busca por recursos que assegurem a estabilidade, segurança e acessibilidade sob premissas arquivísticas em sistemas de informação.

Nessa ótica, passamos a discutir os sistemas de informação e padrões arquivísticos sob o holofote das TICs, como a web social e internet das coisas ou IA, emergidas de uma EC que trata da informação e gera artefatos que preconizam padrões arquivísticos e novas competências que são suscitadas. Pois, a conjuntura da EC se estabelece exatamente no alinhamento de linguagens de indexação com a representação do conhecimento para um processamento automático da linguagem no ambiente informacional, ou seja, a partir de mecanismos que elegem tanto sistemas estruturados artificiais como o capital de conhecimento potencial adequadamente captado por metodologias específicas que viabilizam sua gestão (MOURA, 2009).

Os sistemas e mecanismos de Organização do Conhecimento, presentes na Documentação e Biblioteconomia bem como na CI, chegam a extrapolar o tratamento temático e descritivo existente nesses campos diante da EC (BARITÉ, 2001). Ou seja, com base na EC e OC, os sistemas estão sujeitos a serem desenvolvidos a despeito do engajamento de profissionais da informação, uma vez que se faz prerrogativa o diálogo entre esses campos e a computação. No caso da Arquivologia, exige-se não apenas a proposição de estruturas conceituais sob a ótica do campo, mas a geração de

interloquções com essas áreas que estão instrumentalizando o mercado informacional, gerando possibilidade do alargamento da visão existente, inclusive no cenário de domínio do tratamento informacional, e deslocando-o para o eixo de organização do conhecimento em âmbito institucional. Promove um salto tecnológico, porém pode resguardar os princípios da área.

#### **4 APORTE METODOLÓGICO**

Como parte integrante de uma série de investigações no eixo temático de Produtos e Serviços Arquivísticos (PSA), desencadeadas a partir do ano 2012, o conteúdo deste artigo tem origem a partir de indícios nas trilhas de conteúdos correlacionados que originaram um estudo específico publicado acerca da produção científica sobre mercado informacional no Brasil. Fruto do levantamento exaustivo acerca do tema de PSA, realizado nos meses de julho, agosto e setembro de 2019, nas bases de dados da CAPES (livre) e BRAPCI, SCIELO Brasil e o diretório indexador Google Acadêmico, evidencia-se a necessidade de aprofundamento acerca do tema “transformação digital” que se apresenta como tendência recente envolvendo produtos e serviços no campo de Arquivologia.

Nos meses de janeiro a abril de 2020, leituras acerca das tendências metodológicas na área de Arquivologia e coletâneas de artigos, advindos de dois eventos da área, foram adotadas como objeto empírico sob a análise dos elementos constituintes de títulos, resumos e palavras-chave publicados em formato de obra de referência, ou seja, livros (impressos ou e-book), anais eletrônicos e em edições especiais, fruto de parcerias com revistas eletrônicas de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Estes eventos foram o CNA que se encontra em sua oitava edição realizada, em que foram analisados os anais de textos científicos completos publicados a partir do ano de 2011. O segundo evento utilizado como parâmetro fora a REPARQ, atualmente em sua sexta edição.

Salienta que este estudo não tem caráter bibliométrico, sendo a proposta uma reflexão embasada sobre os temas correlacionais de Organização do Conhecimento, Representação da Informação, Tratamento Documental, assim como Produtos e Serviços Arquivísticos, mediante os objetivos, a pesquisa está tipificada como sendo descritiva e de acordo com os procedimentos. Ela conta com a modalidade de estudo bibliográfico e levantamento (GIL, 2008). É adotada a abordagem qualitativa sob a perspectiva de tratamento dos dados (MINAYO; SANCHES, 1993). Mediante o uso da técnica de análise de conteúdo (MORAES, 1999), foi possível organizar elementos dialógicos convergentes passíveis de sistematização a partir do método científico que segue a lógica dedutiva (VOLPATO; *et al*, 2013).

#### **5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

## NA ARQUIVOLOGIA

Foi apresentado o contexto de tratamento da informação em bases de Organização do Conhecimento na Arquivologia, as vertentes de representação temática e representação descritiva da informação têm sido restringidas, sobretudo, no que tange à descrição como recurso ao tratamento de acervos arquivísticos. É realizado com base em normativas específicas construídas através de esforços científicos internacionais que reverberaram e foram criteriosamente adaptados à realidade dos acervos no Brasil ou mesmo às práticas de tratamento documental em arquivística no país. Por vezes, significa estar distante de uma OC que prevê a identificação e mediação do conhecimento pelas organizações de modo a potencializar estratégias de identificação e seu uso racional (BARITÉ, 2001).

Os esforços de pesquisas empreendidas no campo de representação temática da informação para a Arquivologia, em detrimento da descrição de acervos que têm se revelado um dos carros-chefes da área no país, o que ora se justifica por ser uma das bases empíricas do fazer profissional, ora revela um significativo investimento nos estudos acerca deste contexto. Por outro lado, faz nos lembrar de que as atividades de representação temática na Arquivologia orbitam sobre a classificação de documentos e têm como fator empírico os códigos de classificação, ou seja, não há ainda uma reflexão do estado da arte ou mesmo filosófica quanto a isso (SANTOS; INNARELLI; SOUSA, 2008).

Nessa trilha, cabe a consideração de que a Arquivologia ou Arquivística como ciência tem, por parte dos atores que a fazem, traços sólidos de pragmatismo e que se revelam pelas abordagens empiristas de suas pesquisas. De certo modo, ela possui relação com a grande área da qual faz parte, ou seja, o contexto das ciências humanas ou humanidades. A Arquivologia se situa no cerne das Ciências Sociais Aplicadas e que tem, por natureza, as ações voltadas ao mundo do trabalho e demais engrenagens sociais. O fato não impediu que a Biblioteconomia, por exemplo, estabelecesse a ideia de mapear e organizar publicações existentes e não necessariamente livros e periódicos, como representante do conhecimento registrado, visando ao seu potencial de relevância para recuperação da informação/conhecimento, o que envolve estudos de OC (PINHO, 2009).

Outrossim, pensar em um avanço nos padrões de tratamento da informação em facetas de OC nos leva a crer que, com base na trajetória de construção científica do campo arquivístico, requer um grande esforço por parte de pesquisadores e profissionais em direção ao novo que, ironicamente, tem base em disciplinas tradicionais como documentação, filosofia/lógica. Essas irão subsidiar a revolução dos sistemas digitais que proporcionam estruturas ontológicas complexas e caminham para uma probabilística interação homem-máquina em bases de computação cognitiva ou IA (TODESCO, 2004).

Ao passo que os padrões de tratamento da informação representam um avanço, necessariamente eles impõem a retomada de abordagens antes não priorizadas ou que foram julgadas desnecessárias aos sujeitos profissionalizados na Arquivologia. A este respeito, eles se fazem essenciais para alavancar a transformação digital que indubitavelmente irá ocorrer com ou sem a presença fundamental dos arquivistas, porque o mercado de produtos e serviços de informação transformou-se em uma indústria que independe de títulos ou rótulos profissionais, pois requer a capacidade criativa e habilidade técnica na geração de estruturas de acesso e fluxo em meio a sistemas computacionais que, reitero, mesmo à revelia dos profissionais da informação, começou a acontecer.

Sugere que o arquivista proceda à transformação necessária, implicada nos estudos de Organização do Conhecimento e sua dialogicidade com o campo da Engenharia do Conhecimento, o qual tem impulsionado as estruturas de Sistemas de Informação (TODESCO, 2004). Todavia, estes sistemas de conhecimento necessitam dialogar com saberes como ontologias (digitais e semânticas), taxonomia e análise da informação para geração de conteúdos relevantes e alinhados com os usuários como estratégia de assegurar a efetividade do fluxo e recuperação da informação, ou seja, perspectivas no âmbito do tratamento informacional e geração de produtos e serviços de informação (BARITÉ, 2001).

Salienta que considerando os eventos abordados como pano de fundo para coletar dados no âmbito da pesquisa, percebe-se uma aglomeração recorrente de sujeitos interlocutores e respectiva conciliação com os temas propostos aos eventos. Esse entendimento é avaliado sob a perspectiva de autores como Edgar Morin, Hilton Japiassu, Boaventura de Sousa Santos e Ilya Prigogine, como prejudicial à condição dialógica da ciência, em que a pretensão é avançar de forma significativa ante a tecnologia e a sociedade bem como no tocante ao evento específico de ensino e pesquisa na área de Arquivologia (REPARQ). É, pois, alarmante a escassez de estudos e discussões sobre temas como modelos de educação e mediação da informação, acarretando reflexões sobre as bases de construção na formação dos arquivistas no futuro. Porém isto se apresenta como tema oportuno à realização de investigações futuras e à própria reflexão na área.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: Relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p.110-130, 2011.

BARBARA Roth, BURGUY, François. La recherche em archivistique. Entretien avec le professeur Carol Couture. **Archives, QUEBEC**, v. 30, n 3-4, 1998-1999.

- BARITÉ, M. G. Organización del conocimiento: um nuevo marco teórico conceitual em bibliotecologia e documentacion. In: \_\_\_ CARRARA, K. **Educação, universidade e pesquisa**. III Simpósio em Filosofia e ciências de Marília. São Paulo: UNESP-Marília-Publicações, FAPESP, 2001.
- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CONARQ. **Conselho nacional de Arquivos no Brasil**. Disponível em: <http://conarq.gov.br/A>. Acesso: 20 abr. 2020.
- COUTURE, Carol; MARTINEAU, Jocelyne; DUCHARME, Daniel. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo**. Brasília: Finatec, 1999.
- FONSECA, Maria Odila. O ensino da Arquivologia e a literatura arquivística. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (Orgs.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: Eduff, 1999.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JAPIASSU, H. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1981.
- JARDIM, José Maria. A pesquisa em arquivologia: um cenário em construção. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Estudos avançados em arquivologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 135-154.
- JARDIM, J. M. A pesquisa em Arquivologia: métodos, especificades e diálogos. In: NEVES, Dulce Amélia de Brito. ROCHA, Maria Meriane Vieira. SILVA, Patrícia. **Cartografia da Pesquisa e ensino da arquivologia no Brasil**: iv reParq. João Pessoa. EDUFPB. 2016. Disponível em: [www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/96](http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/96). Acesso em 20 nov. 2019.
- MARIZ, Ana Carla Almeida. JARDIM, José Maria. SILVA, Sérgio Conde de Albite. **Novas dimensões da pesquisa e do ensino da Arquivologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Móbile: Associação dos Arquivistas do Rio de Janeiro, 2012.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Métodos Qualitativos e Quantitativos: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em 10 dez. 2019.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf). Acesso em 10 dez. 2019.
- MORIN, Edgard. A necessidade de um pensamento complexo. In: **Representação e complexidade**. Candido Mendes (Org.); Enrique Larreta (Ed.). Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 69-78.
- MOURA, M. A. Informação, ferramentas ontológicas e redes sociais ad. Hoc.: a interoperabilidade na construção de Tesouros e Ontologias. **Inf. & Soc.**, v.19, n.1, p.59-73, jan./abr. de 2010.

Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/article/view/0000007570/9d4e159c9d3edee696de238894f2f31f>.

Acesso em 10 dez. 2019.

PINHO, F. A. **Fundamentos da organização e representação do conhecimento**. Recife: EDUFPE, 2009.

PRIGOGINE, Ilya. O fim da certeza. In: **Representação e complexidade**. Candido Mendes (Org.); Enrique Larreta (Ed.). Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 49 –67.

<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/96/24/435-1>. Acesso: 11 fev. 2019.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SANTOS, V. B. INNARELLI, H. C. SOUSA, R. T. B. **Arquivística temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento**. Distrito federal. SENAC. 2008.

SHELLENBERG, T. R. (Theodore R.), 1903-1970. **Arquivos modernos: princípios e técnicas** / T. R. Schellenberg; tradução de Nilza Teixeira Soares. – 6. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 388 p.

ROUSSEAU, Jean-Yves. COUTURE, Carol. **Os fundamentos da Disciplina Arquivística**. Dom Quixote. Lisboa. 1994.

TODESCO, L. **Engenharia do Conhecimento**. 2004. Disponível em:

[http://www.egc.ufsc.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=37:engenharia-do-conhecimento-&catid=26:areas&Itemid=45=-pt](http://www.egc.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=37:engenharia-do-conhecimento-&catid=26:areas&Itemid=45=-pt). Acesso: 20 abr. 2020.

VOLPATO, G. L.; BARRETO, R. E.; UENO, H. M.; VOLPATO, E. D. S. N.; GIAQUINO, P. C.; FREITAS, E. G. D. **Dicionário crítico para redação científica**. Botucatu: Best Writing, 2013.

#### **KNOWLEDGE ORGANIZATION IN ARCHIVOLOGY: CHALLENGES AND PERSPECTIVES IN THE SCOPE OF INFORMATIONAL TREATMENT**

**Abstract:** *It addresses research methodologies and scenarios in Brazilian Archivology and their relationship with the Knowledge Organization. It consists of a review article under the inductive logic, with qualitative approach and content analysis strategy. It is understood that in the universe of digital transformation, the dialogue between Knowledge Organization and Knowledge Engineering provides for research in Archivology and its capillarity in the information market by means of Digital Information Systems.*

**Keywords:** *Knowledge Organization. Archivology. Informational Market. Information and Communication Technology.*

*Originais recebidos em: 01/05/2020*

*Aceito para publicação em: 24/06/2020*

*Publicado em: 30/06/2020*